

Internet e livro: uma falsa dicotomia

Internet and book: a false dichotomy

Dra. Dulce Maria Baptista¹

Resumo

A partir da agilização das rotinas burocráticas de empresas e de instituições governamentais possibilitada pelo advento do computador e da internet, analisa-se a influência das novas tecnologias no mundo do livro, da leitura e das bibliotecas. Diferentes autores sugerem que, ao invés de uma simples substituição do livro pela internet, há uma tendência no sentido da coexistência e da convergência dessas mídias. A preservação da fonte primária ganha relevância no ambiente da informação eletrônica.

Palavras-chave: Livro. Informação eletrônica. Biblioteca. Obra rara. Hábito de leitura.

Título: Internet y libro: una falsa dicotomía

Resumen

El creciente aumento de la velocidad de ejecución de las rutinas burocráticas, tanto en las empresas como en los organismos gubernamentales, resultante del surgimiento del computador y de la internet, sirve de punto de partida para analizar la influencia de las nuevas tecnologías en el universo del libro, de la lectura y de las bibliotecas. Diferentes autores sugieren que, al contrario de una simple substitución del libro por la internet, existe una tendencia a la coexistencia y convergencia de esos medios de comunicación. Con todo eso, la preservación de las fuentes primarias se torna cada día más relevante.

Palabras clave: Libro. Información electrónica. Obra rara. Hábito de lectura.

Title: Internet and book: a false dichotomy

Abstract

Considering how office routines have been positively affected with the use of computers and internet in private and government organizations, this paper studies the influence of the new technologies in the context of books, reading and libraries. Different authors suggest that instead of a simple replacement of books by the information network, the tendency seems to be one of coexistence and convergence. Preservation of primary sources gain relevance in the context of electronic information.

Keywords: Book. Electronic information. Rare book. Library. Reading habit.

¹ Doutora em Ciência da Informação; Professora adjunta da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: dmbp@unb.br.

1. Introdução

A especulação sobre o fim do livro não constitui – ao contrário do que possa parecer – uma discussão ociosa ou improdutivo, diante do formidável avanço tecnológico que viabiliza, atualmente, e em tempo real, o acesso a textos e conteúdos dos mais variados tipos. Ao contrário, é justamente nesse cenário, e levando em conta uma série de implicações que interferem tanto na organização e representação da informação como no hábito de leitura, que se justifica uma reflexão crítica acerca da falsa dicotomia entre livro e internet, que parece ter se instalado – talvez inconscientemente – na percepção de muitas pessoas. Em certa medida, torna-se até curioso observar que o acesso rápido e eficiente à informação, tal como proporcionado pela rede, aparentemente dispensaria aquilo que se entende como hábito de leitura, algo que demanda formação, tempo, escolhas, reflexão, senso crítico, e sobretudo disponibilidade, não só de tempo, como intelectual e cognitiva. Como se o hábito de navegar tornasse obsoleto o hábito da leitura.

Por outro lado, é perfeitamente compreensível que, diante da pressa com que se vive hoje em dia, e de objetivos relacionados a desempenho e produtividade, a leitura de livros fique em segundo plano quando comparada à demanda por informações pontuais, gerada, por exemplo, por necessidades de pesquisa ou por processos de tomada de decisão, situações em que o fator tempo poderá fazer toda a diferença. Nessa perspectiva, o presente artigo explora os dois extremos da questão: a informação em seu suporte impresso mais tradicional – o livro – e a informação posta em meio eletrônico, ou seja, disponibilizada pela internet.

Não se inclui propositalmente, como objeto dessa reflexão, a literatura periódica científica e especializada, na medida em que esta vem sendo maciçamente digitalizada e disponibilizada aos interessados, seja em revistas eletrônicas, em bases de dados, em repositórios, ou livremente na internet, e em função da qual se desenvolvem os chamados *Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs)* e mecanismos sofisticados de representação voltada à recuperação, como é o caso da web em todas as suas variações. O foco é o livro, em si, o qual, como se sabe, tem sobrevivido a cinco séculos, servindo ainda, inclusive, ao registro de conhecimentos construídos, consolidados e veiculados por meio da literatura periódica – tanto impressa como eletrônica.

2. Breves antecedentes

Nos anos sessenta e setenta do século passado, a excessiva burocratização das rotinas de escritório parece ter chegado a extremos, resultando numa contínua proliferação de papéis que, ao se acumularem em mesas, gavetas, arquivos, armários e estantes, acabavam

resultando numa ocupação muitas vezes improvisada do espaço físico, que por mais arrojado e moderno que fosse, não era propriamente ilimitado. Tal situação desafiava seriamente a capacidade de planejamento e organização de empresas e repartições públicas.

Contratos, relatórios, recibos e comprovantes de diversos tipos, literatura cinzenta em geral, eram produzidos e conservados em várias vias, e após receberem carimbos de sessões diferentes, chegavam ao seu destino final, onde permaneciam esquecidos até segunda ordem, ou pior, até que fossem simplesmente extraviados. Desafio constante para gestores e funcionários era justamente manter a papelada sob controle. O outro lado da moeda era a repercussão negativa em termos de prazos e qualidade na prestação de serviços, criação de produtos e implementação de projetos por parte das organizações. Tal realidade se fazia presente no mundo inteiro, em maior ou menor grau, de acordo com a tradição e a cultura dos diferentes países, porém o fato comum é que havia excesso de rotinas e papéis.

O surgimento do computador se deu exatamente dentro do cenário descrito, e foi visto desde logo como a solução definitiva para o problema. Visões premonitórias de um mundo sem papel foram se tornando frequentes, como se o papel, em si, se tivesse convertido numa espécie de maldição da qual todos precisariam urgentemente se livrar. Nesse período, só para citar um exemplo concreto, foi criado o Ministério da Desburocratização, no Brasil, que existiu, como tal, de 1979 a 1986. Posteriormente, já assinalando as mudanças que se prenunciavam com a adoção do computador e da internet, o livro *Being Digital*, de Nicholas Negroponte (1996), virava *best seller*.

A utilização do computador para fins de agilização de processos foi se generalizando progressivamente. O princípio de que *time is money* justificava plenamente a informatização de tudo o que fosse possível: da elaboração de folhas de pagamento a operações bancárias e transações comerciais. Nos escritórios, a padronização de textos (correspondência, normas, circulares, etc.), que poderiam ser impressos a qualquer momento a partir de um arquivo de computador, representou economia de tempo, espaço e esforços na realização de tarefas cotidianas. Em organizações não lucrativas, como por exemplo, as bibliotecas, a adoção do computador como instrumento de trabalho foi servindo paulatinamente à informatização de catálogos em substituição às tradicionais fichas manuais.

O advento da internet representou, em seu turno, uma mudança de paradigma, que, consolidada nos dias de hoje, repercute não isoladamente em novas formas de organização e acesso à informação, ou em modalidades inéditas de comunicação, mas, por conta dessas e outras inovações que introduziu no mundo, repercute principalmente, e de forma dramática, no próprio modo de vida contemporâneo. O mundo globalizado de hoje passa a se caracterizar cada vez mais pela interconexão – e interdependência – entre governos, organizações e

indivíduos. Os antecedentes, evolução, e repercussões políticas, econômicas, sociais e culturais advindas dos progressos nas telecomunicações, da computação e da internet encontram-se amplamente descritos e analisados no livro *A Sociedade em Rede*, de Manuel Castells (2003), que se tornou um clássico a esse respeito.

Não sendo objeto típico de escritórios, mas de editoras, livrarias e bibliotecas, o livro é, não obstante, feito de papel, e como tal, não poderia permanecer fora da influência das novas tecnologias. Por outro lado, a questão da economia de tempo e espaço, crucial nas empresas, é apenas um dos aspectos da questão mais abrangente da evolução do livro, cuja razão de ser sempre foi a do registro, difusão de idéias e preservação da memória. Já no mundo sem fronteiras inaugurado pela internet, além de funcionarem em seus endereços físicos tradicionais, editoras e livrarias se transformam em grandes lojas virtuais, com ganhos expressivos em termos de visibilidade e vendas para seus produtos.

Quanto às bibliotecas, estas se convertem necessariamente em sistemas de informação, onde os recursos – impressos, audiovisuais, eletrônicos e/ou virtuais – passam a fazer parte de um universo híbrido de recursos informacionais. Porém, na medida em que seus objetivos não são, em princípio, comerciais, sua evolução no sentido de favorecer a democratização do conhecimento é tipicamente diversa da que ocorre no âmbito da indústria da informação. Fortemente impulsionado por capital e tecnologia, o setor proporciona o acesso a dados, fontes e conteúdos de todos os tipos, de forma cômoda e ágil para o usuário que, ao buscar uma informação, exerce a prerrogativa de simplesmente se manter a par dos acontecimentos, se conectar com outras pessoas, de levantar dados para uma pesquisa, e mesmo, quando é o caso, de comprar livros. É nesse contexto, inclusive, que surge o livro eletrônico, que, com suas atuais possibilidades e limitações, constitui mais uma alternativa de acesso ubíquo e multiplicado ao conteúdo integral de muitas obras. E é nesse sentido também, que a indústria da informação ultrapassa em muito as possibilidades de uma biblioteca convencional.

O novo panorama da informação, surgido com a interligação dos computadores em rede, e com a internet, fez com que, nas palavras de Milanesi, se desenhasse

[...] um cenário de perplexidade a respeito da informação na sociedade e do destino das bibliotecas. Em países onde elas nem mesmo existiam de maneira suficiente e adequada, discutia-se o sentido de sua existência. (MILANESI, 2002, p.12).

Por conta de tal realidade, um dos maiores dilemas vividos pelas bibliotecas é justamente o de não ser idealizada, confundida, ou transformada em um cibercafé a mais, em função de sua defasagem em relação à internet e seus recursos. Para superar esse dilema, não necessita exatamente pretender imitar motores de busca, portais ou lojas virtuais, mas sim,

integrar-se a essas tecnologias para otimizar seus próprios serviços. Trata-se de desenvolver um ambiente onde a organização, a busca e a recuperação da informação não ocorram de forma apenas mecânica, excluindo oportunidades de aprofundamento em determinados assuntos, mas de possibilitar o estabelecimento de relações de conteúdo entre diferentes autores e mídias e de dar uma resposta que, além de ágil, contenha um diferencial de qualidade – ou valor agregado – para seu usuário.

3. Livro e Internet: transição ou coexistência?

Numerosos autores têm estudado a questão do livro, tanto em sua dimensão de objeto manuseável como na qualidade de portador de conteúdos. No primeiro caso, trata-se, em grande medida, de descrever a evolução da forma. Segundo Manguel,

Desde os primórdios, os leitores exigiam livros em formatos adaptados ao uso que pretendiam lhes dar. As tabuletas mesopotâmicas eram geralmente blocos de argila quadrados, às vezes oblongos, de cerca de 7,5 centímetros de largura; cabiam confortavelmente na mão. (MANGUEL, 1997, p.149)

A esse propósito, inclusive, observe-se que, como tecnologia, o livro representou um avanço extraordinário em relação aos suportes anteriores ao substituir, com a invenção e o aperfeiçoamento do papel, a tabuleta de argila, o papiro e o pergaminho, que foram sucessivamente desaparecendo e se transformando em peças de museu.

Com Gutenberg e a invenção dos tipos móveis e prensa, já na década iniciada em 1450, a transição da cultura do manuscrito para a cultura do impresso representou uma revolução em si, com o barateamento na produção, reprodução e distribuição do livro. Isso, porém, não significa que sua aceitação tenha sido automática e indolor, na medida em que, segundo Chartier,

[...] persistia uma forte suspeita diante do impresso, que supostamente romperia a familiaridade entre o autor e seus leitores e corromperia a correção dos textos, colocando-os em mãos ‘mecânicas’ e nas práticas do comércio. (CHARTIER, 1998, p.9).

Um aspecto igualmente importante nessa transição foi a inevitável desvalorização do trabalho dos copistas, que se tornava ultrapassado em função das demandas crescentes de leitura e conhecimento, ampliadas com o surgimento das universidades e o aumento da população em todo o mundo. A substituição da produção artesanal de livros por sua produção mecânica, em série, e posteriormente industrial, acabou sendo a consequência de todo esse processo.

Como portador de conteúdos, o livro sempre refletiu os fatos e circunstâncias que foram se sucedendo na história da humanidade. Sua história tornou-se indissociável da história da civilização, com todos os seus altos e baixos. Battles assim descreve uma das fases dessa trajetória:

O número de livros cresceu dramaticamente do século XV ao século XVII, engendrando um misto de excitação e de ansiedade que não estava, de maneira alguma, restrito ao Vaticano. A fascinação humanista com a Antiguidade, que antes era apenas uma fantasia subversiva de acadêmicos, transformou-se num instrumento efetivo de autoridade. Com a ciência ameaçando a supremacia da teologia e sua influência legitimadora na esfera política, os governantes foram buscar a preservação de seu poder em ideais clássicos. A biblioteca, que sentia as dores da mudança à medida que os livros multiplicavam-se em número e em espécie, tornou-se um campo de batalha para ideologias opostas. (BATTLES, 2003, p.86).

Nos dias atuais, observa-se uma tendência bastante forte a se crer na substituição da cultura impressa pela cultura virtual, ou, seja, na substituição inexorável, ainda que gradual, do texto impresso pelo texto eletrônico, na medida em que as tecnologias da informação e da comunicação não só agilizam as rotinas burocráticas, como barateiam o acesso a obras e textos dos mais variados tipos, e favorecem a circulação instantânea da informação em todos os sentidos. Ocorre que a tecnologia representada pelo livro é longa e resistente. Envolve uma série de fatores relacionados à produção, autoria, edição, distribuição, leitura, os quais vêm sendo subvertidos pelas novas tecnologias. Contudo, se a digitalização, em si, de textos e ilustrações já é um processo tecnicamente dominado, não parece haver ainda um consenso ou jurisprudência convincente quanto à questão dos direitos do autor. A própria concepção de autoria passa por mudanças.

Alteram-se também as formas de se ler e apreender um texto. A lógica da leitura linear típica do livro convive com a lógica associativa do hipertexto. Nesse aspecto, há que se considerar também a comodidade física (ou ergonomia), e a própria fisiologia da leitura diante de uma página impressa em contraste com a tela do computador. Questiona-se também, nesse cenário, a natureza abundante e dispersa dos conteúdos postos na rede, em contraste com o foco mais específico e direcionado do conteúdo de um livro. Oposições como dispersividade *versus* concentração; superficialidade *versus* profundidade; desterritorialização *versus* localização física; navegação *versus* leitura; permanência *versus* volatilidade; autenticidade *versus* plágio – são questionamentos que, em maior ou menor grau, permeiam as discussões sobre o assunto.

Tais oposições parecem sinalizar na direção de uma complementaridade, e não necessariamente de uma ruptura, tal como a operada pelo livro impresso em relação aos materiais anteriores – argila, papiro e pergaminho – voltados também ao registro do

pensamento e à comunicação entre os homens. Procurando esclarecer, inclusive, o papel que, nesse contexto, e diante da revolução eletrônica, o historiador deve exercer, Lebrun, entrevistado por Chartier, considera que

[Ele] não deve sustentar um discurso utópico ou nostálgico, mas mais científico, que apreenda em conjunto, mas cada um em seu lugar, todos os atores e todos os processos que fazem com que um texto se torne um livro, seja qual for a sua forma. Esta encarnação do texto numa materialidade específica carrega as diferentes interpretações, compreensões e usos de seus diferentes públicos. Isso quer dizer que é preciso ligar, uns com os outros, as perspectivas ou processos tradicionalmente separados. (LEBRUN *apud* CHARTIER, 1998, p.18)

Em conferência apresentada na Italian Academy for Advanced Studies in America, sob o sugestivo título *From Internet to Gutenberg*, Umberto Eco advoga a convivência das mídias, sem esquecer as especificidades de cada uma. Nessa perspectiva, ele afirma que “na história da cultura nunca ocorreu que alguma coisa tenha simplesmente destruído outra coisa. Alguma coisa mudou profundamente outra coisa” (ECO, 1996).

Quanto ao computador, diz ele que se trata de

[...] um instrumento por meio do qual pode-se reproduzir e editar imagens, certamente instruções são supridas por meio de ícones; porém é igualmente certo que o computador vem a ser, antes de tudo, um instrumento alfabético. Em sua tela rodam palavras, linhas e, para usar um computador você deve ser capaz de escrever e ler. (ECO, 1996).

Identifica os problemas de uma comunidade eletrônica como sendo os seguintes:

(1) Solidão. O novo cidadão desta nova comunidade é livre para inventar novos textos, cancelar a noção tradicional de autoria, deletar divisões tradicionais entre autor e leitor, mas o risco é que – estando em contato com o mundo por meio de uma rede galáctica – sente-se sozinho... (2) Excesso de informação e inabilidade para escolher e discriminar. (ECO, 1996)².

Refletindo preocupação com o hipotético fim do livro e conseqüente fim dos leitores, Zilberman observa que

[...] as mudanças decorrentes dos novos instrumentos de computação e multimídia afetam profundamente o processo de produção escrita e de leitura, que se torna, de um lado, mais solitário e menos dialógico, porque resultante da relação do sujeito com a máquina; de outro, porém apresentam-se alternativas técnicas de manipulação colocadas ao alcance do recebedor, usuário do mecanismo, a quem se faculta intervir no texto, driblando a proibição imposta pela noção de propriedade intelectual. (ZILBERMAN, 2001, p.115).

² O completo teor da Conferência foi traduzido e disponibilizado na internet juntamente com sua versão original em inglês, pelo professor João Bosco da Mota Alves, da Universidade Federal de Santa Catarina (ver Referências ao final deste artigo).

O que parece claro, a partir dessa observação, é que, ao inovarem em matéria da produção da escrita, as novas mídias introduzem paralelamente novas dinâmicas de leitura, na medida em que todo texto destina-se a ser lido, independentemente do suporte em que estiver registrado. As novas formas de escrita correspondem novas formas de leitura, as quais implicam, por sua vez, novas formas de interação entre leitor e autor, entre usuário e máquina, ou entre vários leitores e vários autores.

Considerando diferentes ângulos da dualidade representada pela coexistência do impresso e do eletrônico, Chartier afirma que

[...] pela primeira vez, na história da humanidade, a contradição entre o mundo fechado das coleções e o universo escrito perde seu caráter inelutável. Apesar do acesso a uma infinidade de obras, a via eletrônica não invalida o livro único, independente... (CHARTIER *apud* CUTRIM, 2007, p.88).

Já nas palavras de Freitas, é na internet que

[...] o leitor encontra a nova plasticidade do texto ou da imagem que no papel parece já forçosamente realizado, pronto. Na tela do computador o leitor seleciona um texto que reside numa reserva de informação possível de fazer uma edição para si, uma montagem singular [...]. Enfim, o suporte digital está permitindo novos tipos de leitura e escrita. Pode-se até falar de uma leitura e uma escrita coletiva. (FREITAS *apud* CUTRIM, 2007, p.88)

Na visão de Beiguelman, é em função das novas possibilidades de leitura que muda a autoria. Segundo ela,

Se a autoria muda, é porque um conjunto de práticas culturais que configuravam a noção e a experiência da subjetividade estão sendo reprocessadas em um mundo globalizado, onde a soberania do autor, ao mesmo tempo em que se dilui, tem sua existência multiplicada como telepresença e conjunto de identidades compartilhadas. (BEIGUELMAN, 2003, p.55)

Na perspectiva mais abrangente do acesso à informação e ao conhecimento, Corral discute a sobrevivência e o futuro do livro na era da globalização. Ela considera que existem, atualmente, mais perguntas que respostas. Em sua opinião,

Convém [...] nos questionarmos se a eventual generalização do e-book no século XXI será favorável ou não à diversidade cultural e lingüística; se sua proliferação em grande escala contribuirá para a democratização da cultura ou para o surgimento de um novo elitismo. Considerando a fratura entre ricos e pobres, o livro convencional limitar-se-á a satisfazer as necessidades das camadas sociais mais desfavorecidas ou, pelo contrário, converter-se-á em um objeto de luxo para colecionadores? Os e-books estarão anunciando o fim da censura ou – quem sabe? – o início de uma nova censura do mercado eletrônico, ainda mais perversa do que a anterior? O que acontecerá com a preservação do patrimônio literário do futuro, despojado de seu suporte material? (CORRAL, 2003, p.197).

Conforme se pode depreender dos autores citados, entre muitos outros que se debruçam sobre o assunto, a comparação entre a mídia eletrônica ou virtual, com o objeto palpável e tradicional que é o livro em sua forma impressa, está longe de ser um assunto esgotado. Dois fatores parecem corroborar essa percepção: primeiramente a própria sobrevivência do livro, que, por mais de cinco séculos, se constitui no suporte mais permanente do pensamento, do conhecimento e da imaginação. Em segundo lugar, as mídias eletrônicas não só dependem de suprimento contínuo de eletricidade, apoiando-se também em uso intensivo de tecnologia, como não garantem, por si sós, a preservação e a permanência de todo o patrimônio cultural da humanidade. Em que pesem todas as vantagens e possibilidades criadas pela internet, não há ainda uma previsão inteiramente confiável nesse sentido. Só o tempo e o progresso dirão.

Há outros fatores envolvidos, como, por exemplo, a questão da propriedade intelectual, e o estado de conservação de determinadas obras, as quais poderão permitir, ou não, a digitalização dessas mesmas obras para usufruto geral, ou ao contrário, que recomendarão sua conservação em recintos fechados de bibliotecas e acesso restrito a poucos.

Entrementes, a indústria prossegue em sua trajetória de inovações. A esse respeito, é bastante informativo o número especial da revista americana *CQResearcher* (2009), inteiramente dedicado ao futuro do livro. Aborda diversos temas relacionados, entre os quais a discussão sobre o contrato da Google com autores e editoras visando a escanear milhões de livros, e sua potencial repercussão no acesso público aos livros digitais. Com foco centrado no mundo dos negócios, a revista apresenta também uma série de referências selecionadas – livros, artigos, relatórios e endereços na internet – que podem servir ao aprofundamento dos diferentes aspectos relacionados ao futuro do livro.

Já com foco centrado exclusivamente nos conteúdos, um número também especial da revista francesa *Le Point* (2009) trata de assuntos relacionados à censura, ocorrida ao longo do tempo, que imputou a determinados textos o epíteto de “livros malditos”. Entre esses, incluíram-se obras de Ovídio, Espinosa, Sade e muitos outros. Muitos não sobreviveram à sanha destruidora de inquisidores e tiranos; de outros, restaram vestígios, ou apenas relatos. Observando então o contraste entre uma revista centrada na tecnologia e no mercado, e outra, centrada em fatos históricos e políticos que condicionaram não só a trajetória do livro, em si, mas a difusão de idéias e modos de pensar, surge uma nova realidade, que parece justamente determinar a necessidade da coexistência entre o livro impresso tradicional e a mídia eletrônica ou virtual. Nesse aspecto, não há como ignorar o conjunto de ensaios da autoria da Robert Darnton, publicados em livro, e que exploram uma série de questões que se

resumem em duas perguntas introdutórias: “O que livros e e-books tem em comum?” ; “Que vantagens mútuas conectam as bibliotecas e a Internet?” (DARNTON, 2010, p.7).

É interessante observar que são as atuais tecnologias que parecem atribuir uma nova dimensão à preservação da fonte primária. Embora reedições e reproduções tenham possibilitado a continuidade do livro ao longo do tempo, trata-se este de um objeto deteriorável e perecível, como de resto tudo o que existe. E é nessa perspectiva, que por força da resistência de determinados exemplares ao tempo, à destruição e à própria deterioração, entre outros fatores, alguns livros adquirem o status de obra rara. Se isso por um lado confere prestígio à biblioteca ou museu que o abriga, por outro, torna-o inacessível pela necessidade de mantê-lo resguardado e fora do alcance do público.

Tal como ocorre com partituras de Villa-Lobos, obras de Machado de Assis, e materiais como mapas, retratos e gravuras que a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro procura disponibilizar em seu portal, o ideal é que as obras raras, com sua carga de significação histórica, científica e cultural, e sua conseqüente relevância para a pesquisa em diversos campos, se tornem disponíveis, em maior escala, ao leitor, ao estudioso e ao público em geral. Para isso, é preciso que se encontrem em adequado estado de conservação, o qual possibilite sua digitalização e inclusão em alguma coleção ou repositório institucional.

Profissionais com alto nível de especialização e habilidade tratam da recuperação e preservação de materiais desgastados, justamente com vistas a promover sua visibilidade e acesso a seus conteúdos. A fonte primária permanece armazenada em local apropriado dentro da biblioteca, porém, a partir de sua digitalização, o *download* se torna possível, proporcionando o acesso ao inteiro teor da obra, seja texto ou imagem, mediante um simples clique no computador. Em circunstâncias especiais de pesquisa, e de acordo com critérios de acesso definidos pela biblioteca, o original poderá ser consultado *in loco*. Eis então um novo cenário, em que os recursos impressos e eletrônicos não somente coexistem, mas convergem, não só em termos de preservação e destinação de objetos físicos, mas principalmente na popularização do acesso a documentos de grande valor, que de outra forma estarão fadados ao esquecimento, com evidente prejuízo à disseminação da informação, à construção do conhecimento e à memória coletiva.

4. Considerações finais

Neste trabalho explorou-se a falsa dicotomia entre o livro e a internet. A dicotomia é, na realidade, falsa, porque, com todas as previsões e questionamentos existentes, o recurso eletrônico ainda não suplanta o livro impresso. Ao contrário, ao considerar-se a pujança do mercado editorial em todo o mundo, o qual se vale da própria rede virtual para incrementar

suas vendas, é possível constatar o crescimento paralelo, embora diferenciado, das duas mídias. É interessante observar, inclusive, que publicações referentes ao uso de aplicativos, à utilização de linguagens computacionais, a novas versões de softwares e inovações na web, costumam ser editadas em grandes volumes impressos e postos à venda em livrarias – tanto convencionais como virtuais.

O grande problema do livro impresso, pelo menos em um país como o Brasil, é o seu custo, com suas inevitáveis repercussões nos hábitos de leitura da população, que como condição de inclusão social e progresso, tornam-se cronicamente deficientes. Entretanto, esse não parece ser um problema diretamente relacionado à transição (ou coexistência) entre o livro impresso e o texto eletrônico, mas, sim, um problema de política pública voltada à educação e cultura. É de se esperar que as políticas de inclusão digital contribuam, por sua vez, à redução dos déficits nessa áreas, que não se referem simplesmente ao acesso à informação, mas principalmente à educação.

Se o acesso à informação tornou-se indiscutivelmente muito facilitado pela internet, a democratização do conhecimento depende também de outros fatores. A rede, em si, existe para o bem e para o mal, ou seja, o que se observa é que, de acordo com níveis de instrução, condicionamentos sócio-culturais, predisposições cognitivas, e com ética, o uso da rede reproduzirá valores e hábitos que cada pessoa já cultiva em suas práticas concretas do dia a dia. Isso porque navegação e leitura não são necessariamente sinônimas. A leitura, em si, requer capacidade de decodificar símbolos e de compreender um texto. Requer e promove, também, a reflexão crítica e a capacidade de estabelecer relacionamentos entre o texto lido, a realidade individual e o mundo. Há necessariamente um ritmo de maturação para a assimilação dos conteúdos realmente lidos, não simplesmente acessados. E isso vale para qualquer nível de leitura, do elementar ao mais complexo. Nesse sentido, também, é possível entender claramente que o livro não lido torna-se tão inútil quanto a informação não acessada. Em outras palavras, é na leitura – de textos e do mundo – que reside a finalidade maior de mídias, registros e suportes.

A origem de um certo entendimento maniqueísta quanto ao futuro do livro, diante do novo ambiente da informação eletrônica e digital, se deve provavelmente ao excesso e à desorganização de papéis que, tal como descrito anteriormente, eram típicos de escritórios e repartições, especialmente nos períodos que antecederam o surgimento do computador e da internet. Na medida em que o livro é também feito de papel, não poderia deixar de ser afetado por esses inventos.

A biblioteca teve que se adaptar e se converter em sistema de informação, sob o risco de sucumbir como organização obsoleta e meramente armazenadora de livros – portanto, de

papéis. Seu grande desafio é o de integrar recursos e mídias para funcionar efetivamente em rede, e assim cumprir sua missão de multiplicadora da informação e do conhecimento no mundo globalizado e interconectado de hoje.

Quanto aos órgãos de governo e outras organizações em que a informação assume um caráter estratégico e gerencial, as rotinas passaram, com o tempo, a ser racionalizadas, com a substantiva redução da burocracia baseada em papel e a introdução do conceito de governo eletrônico. Por outro lado, os documentos acessados pela internet podem – e precisam algumas vezes – ser impressos, seja para atender exigências legais ou necessidades individuais. Nesse contexto, ao se visualizar um ambiente de cartório, por exemplo, torna-se fácil constatar que o excesso de papéis ainda é uma realidade. Em todos os casos, no entanto, o que parece claro é que há uma nítida tendência à utilização complementar, ou mesmo convergente, das diferentes mídias.

Referências

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. Tradução João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

BEIGUELMAN, Giselle. **O livro depois do livro**. São Paulo: Petrópolis, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. Tradução de Roneide Venâncio Majer; atualização de Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1).

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CORRAL, Milagros del. A cultura do escrito na era da globalização: qual futuro para o livro? In: PORTELLA, Eduardo, org. **Reflexões sobre os caminhos do livro**. Tradução Guilherme João de Freitas. São Paulo: UNESCO; Moderna, 2003. p.193-204.

CUTRIM, Ilza Galvão. A plasticidade do texto digital: os contornos da linguagem on line. **Ciências Humanas em Revista**, São Luís, v.5, número especial, jun. 2007. Disponível em: <http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2007_3/ilza_cutrim_v5_ne.pdf> Acesso em: março 2010.

DARNTON, Robert. A questão dos livros: passado, presente e futuro. Tradução Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ECO, Umberto. **Da Internet a Gutenberg**: tradução para a língua portuguesa falada no Brasil, da Conferência From Internet to Gutenberg: Conferência apresentada por Umberto Eco em The Italian Academy for Advanced Studies in America, 12 de novembro de 1996. Disponível em: <<http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/InternetPort.html>> Acesso em: fevereiro 2010.

FUTURE of books: Will traditional books disappear? **CQ Researcher**, v. 19, n. 20, p. 473-500, May 29, 2009.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. Cotia, SP: Ateliê Editoria, 2002.

NEGROPONTE, Nicholas. **Being digital**. New York, NY: Vintage Books, 1996.

OVIDE, Spinoza, Sade... Les textes maudits et tous les livres interdits. **Le Point**: Hors-série. Janvier-Février 2009.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** Coordenação Benjamin Abdala Júnior, Isabel Maria M. Alexandre. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001. (Ponto futuro; 3).